

Mário Cláudio

TIAGO VEIGA

UMA BIOGRAFIA



D. QUIXOTE

# Índice

<i>Introdução</i>	11
<i>Agradecimentos</i>	19
<i>Advertência</i>	21

## A Cela e a Vida

### I Parte

Um menino e um sapato	29
Os alfabetos da bruma	47
Alguns passos da cruz	64
Sob as asas do moscardo mesureiro	84

### II Parte

Diário de um rito de passagem	107
Sextantes e liras	125
A estrada do sol	142
O boletineiro perdido	159

### III Parte

Retrato de cavaleiro jovem	177
Algumas letras	194
O Esfinge Magra	211
O terramoto de 1930	228

## Alhos e Safiras

### I Parte

Ofício tropical	251
Regresso ao clã	268
Arcanjos e demónios	283
Julgamento e extermínio	301

II Parte	
Heróis e fantasmas	321
Vitória da peste branca	338
Horseman, pass by	355
Entre círios e grades	375

III Parte	
Italia mia	395
O Verão de Messalina	414
Um macaco de peluche	434
Caderno de Manhattan	454

## O Sono e o Mundo

I Parte	
O pássaro bisnau	481
Teoria da coincidência	501
A tentação do lume	523
Os bronzes de Riace	541

II Parte	
Abecedário geral	563
O guarda-vento do Waldorf-Astoria	582
Um bárbaro na cidade	602
As capelas mortuárias	623

III Parte	
O último dia dos santos	649
O regresso dos filhos pródigos	669
Na Santa Companhia	689
Herança jacente	709

<i>Notas</i>	719
<i>Bibliografia de Tiago Veiga</i>	775
<i>Anexo I – Fac-símile do artigo publicado no semanário Tempo, de 18 de Agosto de 1988</i>	777
<i>Anexo II – Fac-símile de carta de Tiago Veiga a José Domingos da Cruz Santos</i>	778
<i>Anexo III – Fac-símile de carta de Mário Cláudio, enviando a José Domingos da Cruz Santos a carta do Anexo II</i>	781
<i>Anexo IV – Genealogia de Tiago Veiga</i>	783
<i>Índice onomástico</i>	785

## Introdução

Quem quer que se atreva à escrita da biografia de uma figura pouco favorecida pela notoriedade, e sobre a qual quase nada se sabe, sujeita-se a enfrentar um enredo de perplexidades. À fantasia para que sempre tende qualquer relato de uma vida, seja ela a de um famoso de todo o tempo e espaço, seja a de um desconhecido de um país castigado pela indiferença do mundo, acresce a tentação de colmatar as inúmeras lacunas com as suposições ao alcance, procedendo-se à leitura dos dados disponíveis a uma luz capaz de os tornar significantes na sua escassez. Tudo isso teve de ponderar, e raras vezes com tranquilidade, o autor deste livro.

Não faltará quem negue ao biografado de que nos ocupamos nas páginas a seguir a mera realidade biológica, de resto facilmente confirmável em várias conservatórias do Registo Civil, ou mediante o credível testemunho de um punhado de cidadãos, sobrevivente ainda, que com ele contactou, ou conviveu. A comum precipitação com que se desacredita o que se mostra mais óbvio, mas que nos parece histórica e sociologicamente improvável, alimenta os costumes de todos quantos fazem das disciplinas do quotidiano um naipe de poltronas onde a sesta é longa e fagueira.

O extenso volume, publicado agora, efectua o que deverá chamar-se «biografia autorizada». Não se entenda porém a expressão no sentido em que haja dominado este trabalho, conforme em geral sucede em tais casos, uma intenção censória, mas enquanto

se procurou dar nele satisfação a um especial desejo do biografo. Consciente da impossível objectividade em projectos deste teor, pretendia Tiago Veiga a realização de uma reportagem da sua existência, e da sua actividade literária, tocada pela imaginação de quem assumisse a tarefa. Isentava-se dessa maneira o poeta, contaminando-nos com tal virtude, da hipocrisia que consiste em fingir que narrativas de natureza biográfica podem aspirar ao rigor da análise, e à neutralidade na exposição, que as revele tão verificáveis como as leis de Mendel, ou a relação entre carga e descarga eléctricas.

Não se julgue no entanto que com semelhantes propósitos se simplificaria a execução do que para muitos se afigurará, mas não para Tiago Veiga, chegasse ele a examiná-lo, o interminável texto que vai aqui impresso. Escusada a obrigação predominante de exaustivamente inventariar os documentos, de os confrontar de modo criterioso, e de retirar deles as conclusões indispensáveis à obtenção de um retrato de corpo inteiro, nem por isso ficava limpa de escolhos a navegação a empreender. A mais árdua manobra cifrar-se-ia em ajustar o que respeitava à inventiva, e que por isso fugia para o romanesco, a esse acervo de factos que constitui a única biografia viável, a das datas, dos lugares de nascimento e morte, e dos episódios inscritos nos mecanismos que servem para a identificação de cada um de nós, e do rasto que vamos deixando.

Para além desse esqueleto impunha-se labutar incansavelmente, a fim de deduzir o que se continha numa manhã que não se manifestava fácil averiguar se fora de sol, se de chuva, ou de repor um discurso directo que se quedara íntegro na nossa memória, ou como reminiscência da atmosfera em que houvesse ocorrido. Estratégias assim, porventura acessíveis apenas aos biógrafos excepcionais, em cujo colectivo infelizmente não cabe o presente autor, terão produzido o que esta obra acusa de pior, mas também o que nela vale de relativamente admirável.

\*

Mas Tiago Veiga constitui indiscutivelmente um caso, e disso se alimentam na maioria das situações o nascente e o poente daqueles que conseguiram sobrepor um véu de gatafunhos à originalidade que lhes sustente a peregrinação. O apagamento a que o poeta sempre se remeteu desenharia afinal uma astuciosa tática de assalto a um estatuto de notabilidade, equivalente aos dos que funcionam pela articulação que estabelecem com as letras de todo um mainstream, engrossado por quem escreve sem a preocupação de talhar a silhueta inconfundível. Numa certa mística eclética, num determinado ruralismo après lettre, e numa opção pela mais insólita, e por vezes mais kitsch, imagem da portugalidade, se destacaria a sua inovação, e a sua vontade de através do silêncio, e do incógnito, espantar as hordas dos pedantes, dos retrógrados, e dos filistinos.

Naturalmente contestável, a qualidade de Tiago Veiga como poeta maior, sobretudo se pela etiqueta quisermos assinalar a permanência de um grande talento, incompatível com o muito de lasso, e até de inaguentável, que na sua obra se nos depara, ficará a partir deste momento sujeita a caução. Não há que perpetuar um tenaz mal-entendido, o de que o génio se afirma independente da sua adequação a uma fase civilizacional, e a um território geográfico que lhe vá conexo. E só essa condição, preenchida por raros, haverá de assegurar o percurso transversal às eras, e às latitudes, garante de um naco de eternidade. Quanto ao resto, se não for espelho da moda mais ou menos persistente, aproveitará como bálsamo que os deuses dispensam a uns quantos que adormecem no convencimento da missão cumprida.

Apontou José Carlos Seabra Pereira a razão que assiste ao presente autor em «reconhecer em Tiago Veiga um padrão de afinidades electivas»<sup>1</sup>. Justifica-se por isso que se pergunte se não corresponderá por regra a fixação de um poeta como maior, e para além da ocorrência nele do tal caso, à transferência para a esfera

<sup>1</sup> PEREIRA, José Carlos Seabra – *Sob as Arcadas Passam os Poetas*, prefácio a VEIGA, Tiago – *Do Espelho de Vénus*. Lisboa: Arcádia, 2010, p. 9-34.

em que se move de aspirações que não se prendem em exclusivo com o conteúdo da escrita que segrega, mas também com a potencial recepção da mesma. E a esta luz o próprio anonimato, abraçado pelo homem que se biografava aqui, continua aberto a uma decifração que o devolva, já não às frustrações do biógrafo que vê no seu modelo o trânsito da glória do mundo, mas tão-só à coragem moral com que ousou alguém virar costas a este, e proclamar a sua solidão de príncipe avesso à partilha com a plebe das descobertas do engenho que possui, e das jóias do tesouro do seu reino.

Por outro lado no itinerário escolhido por Tiago Veiga detecta-se a suspeita da emergência de distintas entidades, denotáveis mediante uma sucessão de vozes que, quando não anseiam por plasmar a alternância das propostas estéticas, ou o apetite do à la page, exprimirão com clareza um fundo veio temperamental. Se apenas nos discursos dos *Sonetos Italianos*<sup>2</sup> terá o poeta inteligido o fenómeno, daí não decorrerá que em diversos instantes não haja cedido à pulsão, e talvez com frutos bem menos artificiosos. Seja como for, e na ausência de suplementares motivos, não se mostrará atrevido conjecturar que exactamente nessa circunstância residirá o traço de família que propicia, e que amiúde enriquece, o diálogo entre biógrafo e biografado.

\*

Sem a generosa disponibilidade de Trajano Teles de Menezes e Melo, detentor da maior parte do acervo documental que apoia esta biografia, teria sido manifestamente impossível concretizar o nosso trabalho. Beneficiado pelo poeta com sucessivas doações dos seus manuscritos, agruparia Teles de Menezes os papéis rece-

<sup>2</sup> VEIGA, Tiago – *Os Sonetos Italianos de...* Leitura, Prefácio e Notas de Mário Cláudio. Porto: Editorial Asa, 2003. As *personae* aqui assumidas são o escritor britânico John Addington Symonds, o cardeal português Nuno da Cunha de Ataíde, e o escritor alemão Johann Hermann von Riedesel.

bidos em duas categorias básicas, «Poemas Inéditos», organizados em dois volumes, e «Notas e Dispersos», às quais adeririam pequenos corpos satélites, aliás de escassa ou nula relevância. E este arranjo artesanal, desassistido pelas técnicas arquivísticas que tornam fácil a consulta, e garantida a conservação, acabaria por se mostrar adequado aos nossos propósitos. Permitir-nos-ia de facto uma viagem natural, mais espontânea, e propícia a contemplar-nos com surpresas reveladoras, do que a que se efectua com piloto automático, e que de qualquer modo dispensa a inventiva da navegação.

Em sede de manuscritos aproveitaram-se também os poucos com que Tiago Veiga nos presenteou, as parcas missivas que guardámos, os não menos exíguos originais que cederia a amigos seus, e as epístolas que estes excepcionalmente preservariam, sobretudo do período da juventude, quando por um lado não formulara ainda o anonimato em que se acobertaria, e quando eram por outro mais extensas, e menos vigiadas, as suas relações com o exterior. Em ambos os casos, e tal como sucederia com o arquivo de Trajano Teles de Menezes e Melo, faríamos em notas de fim de capítulo a cuidadosa referência. Quanto aos escritos do punho do poeta, existentes na Casa dos Anjos à data da sua morte, e que constituiriam objecto do inventário por nós redigido enquanto se nos autorizou o rápido acesso ao espólio, desconhece-se que destino terão levado, assinalando-se por isso apenas a sua localização na altura.

O mesmo se diga no concernente a outros itens que se patenteariam fundamentais para o desenho do trajecto da vida de Tiago Veiga, livros e folhetos, fotografias e discos, e uma vastíssima *memorabilia* que nos possibilitaria descobrir muitos factos, e fatalmente lavrar a ocorrência provável de muitos outros. A foto pequenina, e amarelecida pelas décadas, por exemplo, na qual nos surge o poeta em pleno mato guineense, sentado à sua mesa oficial, e entretido em conversa com um menino indígena, fornecer-nos-ia pretexto para um curto episódio que relatámos,

contemporâneo da escrita de *Canto Felupe*. Já o conjunto fotográfico que nos serviria para a ilustração pertence na sua quase totalidade a Teles de Menezes, sendo tão-só três clichés da colecção do presente autor.

Falta aduzir o mais importante, e aquilo que nos iria amparar no travejamento do texto. Numa dessas malas vitorianas a que os Ingleses chamam Gladstone-bags depositaria Tiago Veiga nas mãos de Trajano Teles de Menezes e Melo uma rima de agendas-diário, contendo minuciosos registos, perpetrados pelo poeta, e atinentes ao longo período que decorre entre os primórdios da década de trinta, e mais ou menos do tempo da sua partida para África, e a chegada à Casa dos Anjos de Judith no Verão do falecimento do pai. Uma vez concluída esta obra, e de comum acordo com Teles de Menezes, procedemos à destruição pelo fogo de todo esse repositório, homenageando por tal forma uma ânsia de incógnito que em matéria de exposição não consentia mais do que o romance que viesse acaso a elaborar-se.

\*

Aos 18 de Agosto de 1988, onze dias após o falecimento do poeta, e graças aos bons ofícios de Ernesto Rodrigues, publicaria o semanário *Tempo* aquela que seria a primeira notícia impressa da existência literária de Tiago Veiga. O que desse artigo consta tornar-se-ia objecto de várias correcções, motivadas pelo conhecimento que entretanto se aprofundaria do percurso do nosso biografado, do seu estilo de vida, e das características da sua obra. Algumas das alterações a que se sujeitaria essa peça de pura apresentação apareceriam no prefácio aos *Sonetos Italianos*, no qual se transcrevem tais linhas, e nelas atentaria o mesmo Ernesto Rodrigues<sup>3</sup>. Mas subsistem uns quantos ajustamentos a promover, e que sumariamente consignaremos aqui.

<sup>3</sup> RODRIGUES, Ernesto – *Escrita e Ficção em Mário Cláudio*, in *Colóquio Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, n.º 173, Janeiro-Abril, p. 100 e segs.

A dignidade de «super-Camões» que se afirmava haver sido concedida por Fernando Pessoa a Tiago Veiga, e que fora perfi-lhada, um pouco a sério, um pouco a brincar, pelos amigos mais chegados ao poeta, e sobretudo por aqueles que o acompanhariam no fim, não encontra no espólio pessoano, nem em qual-quer outro lugar palpável, a mínima expressão, sobrevoando to-davia os anos terminais do nosso biografado como um desses mitos em que tão fértil se mostra a história literária. Caber-lhe-ia muito mais razoavelmente a qualidade de «voz originalíssima da poesia portuguesa de Novecentos», conforme o classificámos no mencionado prefácio a *Sonetos Italianos*, e não a de «voz superlativa» da mesma, consoante se grafara no artigo saído no *Tempo*. Idênticas razões nos conduziriam, quando se tratou de transcrever o referido texto, a substituir «insuperável» por «bela», ao aludirmos a *Triunfo e Glória do Arcanjo São Miguel de Portugal*, já que não achámos prova de haver merecido a «odisseia» da parte de T. S. Eliot, e como se propalava, o prémio de configurar «um dos três supremos poemas da centúria». Onde se falava de «um génio que apenas reclamava especiais condições para se manifestar» trocámos «génio» por «talento», e rasurámos o adjectivo «excepcional», ao reportarmo-nos ao «excepcional e precioso privi-légio de com ele conviver». Deixámos de considerar «magistral» o *Salmo Quadragésimo de Abigail Henceforth*, composição que Tiago Veiga nos lera, e que a nossa incauta juventude de então escu-taria com porventura desmesurado entusiasmado, mas de que mais tarde não detectaríamos rasto, e etiquetámo-lo tão-só de «esplêndido».

O diálogo com Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes não sofre no entanto a menor das contestações, e sobre ele nos de-bruçámos oportunamente. Mas no tocante a escritos de grandes, ou notórios, vultos estrangeiros, amiúde invocados, posto que sempre de passagem, pelo poeta, nenhum desentranharíamos, se descontarmos a carta de Sacheverell Sitwell, reproduzida no úl-timo capítulo deste livro, e a cuja autenticidade aliás levantámos algumas objecções. Não nos fica todavia qualquer desconfiança

no concernente à notícia que Tiago Veiga teve, e ao contacto que estabeleceu, mas não demoradamente, com T. S. Eliot, Ezra Pound, W. H. Auden, Marianne Moore, David Jones e Jean Cocteau, nem no que respeita à amizade que o uniu aos irmãos Sitwell, e à frequência da tertúlia de Benedetto Croce, matérias de que cuidámos na presente biografia. Os vários autos-de-fé a que o poeta condenaria os seus papéis, e a injunção que constantemente dirigia aos seus correspondentes, no sentido de eliminarem as mensagens que dele recebiam, terão feito desaparecer o testemunho de todo um intercâmbio epistolar.

Importa que tudo isto se quede bem explícito para que não se acumulem nuvens sobre nuvens, a ocultar-nos a paisagem de uma longa solidão, e a intervalos confundida com a nossa, que nas folhas que se seguem tentámos reconstituir.

O Autor

## Agradecimentos

Para além do profundo reconhecimento a Trajano Teles de Menezes e Melo, exarado já, desejamos expressar a nossa gratidão a Michael Gordon Lloyd que incansável e devotadamente nos auxiliou na vasta, e muitas vezes complexa pesquisa, tanto em Portugal como no Reino Unido. Ficamos extremamente agradecidos a Benilde Pinho e Ermelinda Eiras, bibliotecárias da Biblioteca Pública Municipal do Porto, e a Maria de Fátima Cabodeira, do Arquivo Municipal de Paredes de Coura, pela generosidade com que puseram ao nosso dispor importantes elementos bibliográficos e documentais. À Família Linhares Branco endereçamos gratíssimas saudações por nos ter autorizado a transcrever algumas cartas do poeta ao seu amigo Fernando Taborda Linhares, e o mesmo à de Delfim Aloísio Montenegro que nos autorizou a reproduzir uns quantos dos primeiros poemas de Tiago Veiga. A Isabel Lima Sagres Contreiras que nos possibilitou a cópia de originais do poeta, existentes no seu arquivo, e a Teresa Medeiros Pavão por idêntico livre-trânsito, testemunhamos a maior das estimas. A Marie-Thérèse Pagano Rauch, filha de Louise Pagano, pelas informações prestadas sobre as relações de Tiago Veiga com sua Mãe, e a Elsa Pia Bernardini, filha de Angela Pia Bernardini, por idêntico motivo, e por ter anuído à transcrição de uma carta dirigida ao mesmo, estamos muito obrigados. Agradecemos vivamente ao editor José Domingos da Cruz Santos a autorização para trasladar uma carta que o nosso biografado lhe enviou, e a Vasco Graça Moura os esclarecimentos que nos transmitiu sobre o convívio do poeta com Hermengarda de Azevedo Lemos, tia-avó do autor de *Instrumentos para a Melancolia*. À pianista Nella Maissa sentimo-nos comovidamente gratos por nos ter acolhido na sua casa em Lisboa numa bela manhã de sol, e por nos haver proporcionado valiosos detalhes sobre o salão musical de Elisa Pedroso. A Luiz Francisco Rebello somos devedores dos preciosos dados que nos comunicou sobre a crónica teatral lisboeta. Manuel Simões industriou-nos sobre

alguns aspectos atinentes à clique ligada a Benedetto Croce, e Luís Amaro presenteou-nos com particulares muito interessantes sobre a personalidade de Ruy Cinatti. A estes também o nosso muito obrigado. Ao psiquiatra António Barbedo, e aos tuberculosistas Armando Pinheiro e António Ramalho de Almeida, estamos fundamente reconhecidos por quanto nos ensinaram sobre certas facetas da nosografia dos familiares de Tiago Veiga, e à bacteriologista Maria Fernanda Ferreira, nossa prima muito prezada, pelas explicações que nos passou sobre a tripanossomíase. A J. M. Wright, bibliotecária do Almirantado, do Ministério da Defesa do Reino Unido, sentimo-nos muito obrigados pela busca que a nosso pedido efectuou sobre o período em que Tiago Veiga frequentou o curso de Arquitectura Naval, do Royal Naval College, em Greenwich. A Rui Luís Ochôa Romão agradecemos a assessoria generosamente prestada na investigação, e o excelente trabalho de execução e ordenamento das ilustrações. Um beijo de grande afecto vai para a Cláudia Sousa por ter processado todo o manuscrito desta biografia, enfrentando com coragem, e não raro com bom humor, a convulsa ortografia barroca que o preenche. E a Maria Delfina Silva expressamos o fundo reconhecimento pela proficiência com que soube desentranhar do nosso arquivo documentos remotíssimos. Ajuntaremos a estes os nomes dos seguintes credores do nosso bem-hajam, pedindo aos que não constam do rol que nos relevem o involuntário esquecimento, Baptista-Bastos, Alexandrino Brochado, Luís Cabral, Rui Mota Cardoso, António Cartaxo, Artur Sá da Costa, Madalena Sá e Costa, Valdemar Cruz, Celso Cunha, Jorge Teixeira da Cunha, Brunello De Cusatis, José Emídio, Fernando Fernandes, Aires Gonçalves, António Pereira Júnior, Aquilino Ribeiro Machado, Joaquim Luís Teixeira de Melo, Rui Vieira Nery, Vítor Paulo Pereira, Manuel António Pina, António Ponte, Jorge Rodrigues, José Rodrigues, José Manuel dos Santos, Maria do Carmo Serén, Germano Silva, Delfim Sousa, Romano Toschi, António Valdemar, Miguel Veiga. A Maria do Rosário Pedreira, do grupo Leya, ficamos obrigados pelas excelentes sugestões sobre alguns problemas do texto, avançadas com singular elegância, e com bom gosto inexcedível. E para João Amaral, Rui Breda, Madalena Escourido, Fernando Milheiro e Pedro Castro, da mesma casa, vai um grande abraço, simbólico da alegria que experimenta o autor por se saber acompanhado no seu trabalho, e defendido da eterna malevolência do mundo. À memória de Tiago Veiga permaneceremos devedores, e ademais do impulso à empresa aqui concretizada, da afeição com que sempre afinal nos tratou, e da dignidade, muito sua, e muito fidalga, com que se resguardou da menor intromissão nas complexidades da nossa vida pessoal.

## Advertência

Em todos os textos transcritos, de Tiago Veiga, ou de outrem, actualizámos a ortografia.

As biografias nas notas correspondem apenas a personalidades menos conhecidas. Sobre a vida dos notáveis, e por se poderem compulsar em qualquer enciclopédia, não inserimos informação. O mesmo se diga quanto a intervenientes de passagem, sobre os quais não conseguimos reunir dados, e bem assim quanto aos de percurso existencial despiendo para os objectivos desta obra.

Não se deu a versão original das citações em línguas estrangeiras, excepto quando se tratava de textos de relevância literária.

# A Cela e a Vida

*E depois dêem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei da vida.*

Álvaro de Campos

## Um menino e um sapato

Um dos episódios maiores na história da Casa dos Anjos consta de um relato<sup>1</sup> que, se não valer pelo seu literário desempenho, poderá servir os agentes naturais que vierem visitá-lo. Uma adolescente da época, Berta Maria, órfã de pai e mãe, senhora de «alma como que num perene coro de gorjeios»<sup>2</sup>, sairia daquela morada no lugar de Venade, freguesia de Ferreira, concelho de Paredes de Coura, apartando-se da companhia de suas manas. Ia por determinação da mais velha, Genoveva de seu nome, a morgada, e a despeito da dor que causava na segunda, Ifigénia de sua graça, dar à luz nos longes de Castro Laboreiro o rebento ilegítimo de um tal Leonel, galante que ela avistara pela primeira vez na romaria de São Silvestre, aparecendo-lhe como detentor de «olhar muito negro», capaz de ler «o pensamento secreto»<sup>3</sup> da que dele logo se enamorara. Faltará aduzir que o rapaz, acobertado por aquele onomástico de gosto popular, só pouco antes completara os dezassete anos, e que era o filho mais novo dos que contava o romancista Camilo Castelo Branco, fruto da união adúltera que mantinha com Ana Augusta Plácido. Nuno Plácido Castelo Branco, o tal falso Leonel, ingressara neste mundo em 1864, e já por alturas do início da nossa história se levantava como índole prometida a várias falcatruas e malfeitorias. O resto é o que resulta das notas que o famoso Camilo elaborou para seu próprio uso, e de cujas linhas faz parte o que se transcreve a seguir.

Nos altos daquela serra, para a qual a deportaram, e onde a ventania galopava, soprada de sudoeste, como um cavalo sem freio, presenciava a amargura da réproba, traída pelo sedutor que, de súbito, a abandonara, trespassada pelo aguilhão do mais pungente dos remorsos, o vagaroso decorrer de cada minuto. Rodopiava o restolho, nas eiras, por entre o torvelinho da poeira avermelhada, e nem o trinado de uma avezinha se pressentia, nem o gorgolejo de uma fonte, naquela desolação. Quando as ânsias do parto a assaltaram, impôs a humilde companheira, a um criadito meio tolo e surdo-mudo, que fosse buscar uma certa comadre entendida, ao outro lado dos penhascos, para que ajudasse a encaminhar o que ia nascer, até este Vale de Josafat. Galgaram ambos os ermos horrendos, com uma lanterna que, a espaços, se extinguia. Ao aproximarem-se, contudo, do leito onde Berta, transida de suores, já não distinguia o pesadelo da realidade, debatia-se a precita com as vascas da fatídica morte, que haveria de a vencer. Chamar-se-ia o menino, que surgira refeitinho e moreno, Inácio Manuel dos Anjos por se não julgar de meridiana equidade apetrechá-lo com o apelido paterno.<sup>4</sup>

Vira ele o dia aos 19 de Maio de 1881, consoante se lê no tomo dos baptismos da paróquia Igreja de Castro Laboreiro. O tal dito criado que escoltara a desgraçada, um certo Felício, procederia às diligências indispensáveis ao enterramento de Berta no cemitério local, e cortar-lhe-ia entre soluços uma madeixa dos cabelos louros, não tendo escasseado quem nisso vislumbrasse a paixão oculta que residiria naquele engano da Natureza, um desarranjo de pernas e braços, que parecia desassistido de quanto extravasava do mais elementar conhecimento das coisas. Quanto ao recém-nascido, descompondo-se num berro de plenos pulmões que se dissolvia no balido dos cabritinhos, acabados também de entrar na vida, eis que o enrodilhou Felício nos panos que a pobre mãe lhe deixara preparados, e se botou à estrada, conduzindo pela arreata um jumento que levava na garupa a condessinha onde se acomodava o pequenito. Passaritavam à frente deles as lavandiscas, e o criado atolambado desvanecia-se em sorrisos, não porque o fascinassem as nuvens brancas que singravam no céu muito azul, mas porque possuía afinal um ser de carne e osso que considerava

exclusivamente seu, e ao qual se lhe arrimava o coração. Chegaram à Casa dos Anjos numa dessas tardes quentíssimas de Junho que tornam escaldante a pedra tocada pela nudez dos pés.

A entrada do pequeno Inácio na Casa dos Anjos, trazido pelo criado surdo-mudo, coincidiria com a emergência de uma dúvida no espírito de sua tia Genoveva. Perguntava-se ela se não deveria timbrar o ingresso daquele sobrinho, posto que ilegítimo, com um certo toque, porventura tão discreto que mais se assemelhasse a pancada desferida pelo vento, dos sinos da capela. Terminou a morgada na sua indecisão por escolher uma passividade distraída de honrar afinal o sangue da raça a que pertencia. Muito diversa seria a reacção de Ifigénia que acorreria ao encontro do menino, apertando entre as mãos o coração de emotiva, movimentada pelo anúncio de que se lhe compensaria o instinto maternal, frustrado para sempre. Inácio Manuel, amamentado por uma ama discreta que não iria contar ao povo de Venade os particulares do crescimento do bastardo, nem os tropismos da domesticidade em que ele se integrava, haveria de se desenvolver como uma dessas plantas, rebeldes a todo o cuidado, que apenas reclamam a intervenção das vicissitudes da Natureza para cumprir a sua sorte. Revelar-se-ia um infante algo bravio, o que se manifestava no cabelo muito crespo que lhe rodeava o trigueiro rosto, consentindo espaço limitado para o desenho da testa. Dotado de uma incessante muscularidade, gastaria os dias, uma vez concluída a primeira infância, a correr com a canzoada nos campos de suas tias, situados nas traseiras do casarão. Fora disto ia ele investindo no jogo compulsivo de competir consigo mesmo, a galgar um número cada vez maior de degraus do terreiro ao alpendre, enterrando-se não raro até aos joelhos nas leivas de estrume que o gado depositava no tojo. Mas a partir do momento em que, declarada a adolescência, Genoveva o vira, medindo forças com Felício na eira, e em articulações dos corpos que cumulavam num espojamento pelo chão de pedra, acometidos ambos por grandes ataques de riso, provocados pelas cócegas, tudo mudaria radical-

mente. Fixou a tia tarefas nítidas ao rapaz, mungir as vacas ainda de noite, limpar o rego da lavra, ou alombar com a palha maís. Inácio ganhou tento, mas sem que se lhe tornasse mais dócil o feitio arisco e belicoso. Aproximava-se dele Ifigénia, a procurar insinuar-lhe no bolso das calças uma pilhazinha de moedas, atada por um lenço de mão, a fim de que o seu protegido as gastasse na festa da Senhora do Livramento em Formariz, e o miúdo arre-dava-se sem curar de agradecimentos, arrecadando porém com todo o desplante a dádiva que lhe era feita. Quanto aos restantes catraios do lugar evitavam-no ostensivamente, manobrados por um preconceito que tinham por de legitimidade indiscutível, concebendo-o como produto que não seria da sua igualha, e temendo-se de infringir uma norma que, se bem que não expressa com clareza meridiana, se impunha como absolutamente inamovível. Fiscalizavam-no de longe nas andanças em que Inácio Manuel parecia vangloriar-se da solidão esplêndida em que seguia, não se atrevendo a desfeiteá-lo com palavras, e o ordenamento de Venade recompunha-se por inteiro, esquecida ou escamoteada a historieta lancinante da remota menina dos Anjos.

Na mesma manhã em que, andando pelos seus seis anitos, Inácio conseguira finalmente vencer de um salto cinco degraus da escada que subia do terreiro ao alpendre, e quase à mesma hora, brincava uma rapariga com mais três anos do que ele em Kílrush, condado de Clare, na Irlanda. O romancista tradicional, ou o biógrafo que não desdenhasse de efabular, pintá-la-ia muito delgada, bastante alta, e de cabelos negros e lisos que lhe desciam até aos ombros. O lugar de recreio da pequena, e dos cinco pimpolhos que a acompanhavam, todos eles rapazes de idade não superior à dela, era o cais dessa sombria cidadezita, um molhe varrido pelo vento, ao qual se encostavam embarcações que em geral pareciam tão encardidas como as águas lamacentas. As gaiivotas constituíam elemento de tal modo indesgarrável da paisagem que já nem reparavam nelas as crianças, entretidas em concursos de correrias ao longo do paredão, ou em empresas de

pesca das espécies intragáveis que por ali abundavam. De seis em seis meses atracava um cargueiro, procedente sabia-se lá de que longínquas paragens, e havia um marítimo idoso que consentia aos pequenos o acesso a bordo, os presenteava com barras de chocolate, e se enamorava num enorme sorriso sem dentes do espanto com que assistiam eles ao discurso de um papagaio que falava em várias línguas indecifráveis. Mary Leonard O’Heary, a mocita, ordenava então aos ganapos que se aprontassem para abandonar o navio, e agradecia com muita gravidade o obséquio que lhes fora dispensado, assumindo a incontestada chefia da trupe. Depois disto iam os miúdos em busca de um certo Tom Scallop, proprietário de um bote, e cultor do próprio físico, que muito apreciava beliscar as pré-púberes, largando-as de olhos rasos de lágrimas, e à beira de um pranto subitamente dissipado. Pediam-lhe com muita insistência que os transportasse a Scattery, a ilha que se situava defronte, e que, visitada de longe a longe, preservava a magia de um paraíso imperturbado, oferecido ao acaso de todas as aventuras. Desembarcada naquele reino de musgos e fetos, ascendia Mary à sua verdadeira identidade. Vinham acolher-se-lhe junto à bainha da saia os coelhos inúmeros que por ali pululavam, e a catraia conversava com eles, e afagava-lhes a pelagem, desempenhando-se do ofício de impávida sacerdotisa como quem executa o dever que simultaneamente conforma uma prece. Entretanto desviados por Tom Scallop para uma surtida de escavações no claustro de um mosteiro em ruínas onde se garantia haver sido escondido um tesouro de moedas, os rapazitos iam topa com ela no momento de regressarem a Kilrush, aureolada por um clarão prateado que lhe iluminava o rosto de guardadora de segredos. Tudo isto permaneceria na memória dos que se quedariam na cidadezinha, os quais, interrogados muitas décadas mais tarde sobre a pessoa de Mary Leonard O’Heary, denunciavam um extremo embaraço, hesitando entre a confiança que os libertasse de um fardo e o sigilo que deixasse intocado um mistério. Em Outubro de 1891, contando treze primaveras incompletas, emigraria Mary com os

pais para o Brasil. Tinham vendido a taverna, The Heaven's Arms, que fora em tempos muito frequentada, e a minúscula família fixar-se-ia nas adjacências do Rio de Janeiro, e num aglomerado chamado Irajá. O pai de Mary, um sujeito já por essa altura abalado pela fraqueza dos pulmões que haveria de o levar, fora atraído pelas promessas de prosperidade com que incessantemente lhe acenava um irmão mais velho, aí estabelecido com um negócio de bebidas espirituosas.

Ifigénia empenhar-se-ia em familiarizar o sobrinho com as letras do abecedário, depois com a leitura e a escrita, e finalmente com as quatro operações, matéria esta que, situando-se para além do sentido pragmático que inspirava algo da sua índole, a tia reputava de redondamente plebeia. Socorrer-se-ia para a substância do seu ministério literário das *Cartas Interessantes do Papa Clemente XIV*, das quais o tomo número um andara desde tempos imemoriais a circular pela Casa dos Anjos na edição de 1785. Inácio aprenderia com singular rapidez, afectando porém a burrice que o defendia da responsabilidade, e incorria em voluntários erros no ditado, e em clamorosas faltas nas contas de multiplicar. Ifigénia deixava-se frequentemente prender do encantamento dos textos que obrigava o rapaz a ouvir, percorrendo-os nessas alturas com celeridade que tornava impossível acompanhá-la de forma judiciosa. Passava então a debitá-los só para si mesma, sobretudo quando denunciavam um perigo para o aproveitamento do pupilo.

Não convém que os meninos percebam que se desconfia deles, e que os observamos, porque então desanimam, tomam aversão aos que devem amar, suspeitam do mal que não pensavam, e no que cuidam é em enganar.

Lia isto, e via reflectidas aqui as manhas de Inácio Manuel, o qual se lhe sentava ao lado, parecendo muito absorto na contemplação do bico da pena, ou distraidíssimo pelo zumbido das moscas que antecipavam a trovoadas. Ia o moço nos seus quinze anos, quando

soube que abalaria dentro em breve para o Brasil um carpinteiro da sua idade, chamado por um tio para servir de marçano num armazém de secos e molhados em Pelotas. O bastardo representou à tia Ifigénia, mais por gestos do que por palavras, que o seu destino se não localizava em Venade, e muito menos naquele casarão onde jamais seria o que poderia muito bem vir a ser. Ripostar-lhe-ia Ifigénia com o muito affecto que lhe dedicava, e a promessa de lhe legar a parte que lhe coubesse na herança comum com a mana mais velha. Mas foi isto ocasião para que o mancebo, simulando prescindir do seu pundonor, rompesse num pranto desabalado, entrecortado por perguntas assim, «Quem sou eu afinal que não conheço quem me gerou, que fiquei tão pequenino sem a mãe que me guiaria, que me converti em motivo da chacota das criadas que me chamam “órfão”, quando não “filho das ervas”, e a quem a tia Genoveva olha como a um que não devesse ter nascido?» Ifigénia terá engolido aqui as lágrimas prestes a rebentar, associando-se com mágoa repassada de heroísmo àquilo que se lhe afigurava legítima pretensão do sobrinho. Falta-vam quatro meses para a partida, e implicou-se a pobre, utilizando até à bancarrota as economias que guardava numa caixa de castanho, em costurar por suas próprias mãos o enxoval do que emigrava. Inácio preferiu reter a diferença de preço entre o bilhete de segunda e de terceira classe, abstendo-se dos luxos de que a tia o julgava digno, e optando pela companhia em viagem do carpinteirito, seu conterrâneo. Ifigénia correu até ao portão, de xaile a cobrir-lhe a cabeça, chorando com os soluços silenciosos que tinha por adequados à sua classe. E quanto a Genoveva provava ela o primeiro pêsego da estação, o qual lhe haviam trazido num prato de estanho, e arrogava-se por essa via o tradicional lugar de macho da casa, agora tranquilizadamente desocupado.

Felício afastara-se das cercanias da Casa dos Anjos, temeroso de não aguentar a despedida do menino que, recém-nascido ainda, embalara no colo de jovem brutamontes. Mas Inácio Manuel levava-o em silêncio no coração. Os dias da viagem passou-os ele

num grande ensimesmamento, arredando-se do companheiro que rumava a Pelotas, e que era falador até mais não, quando posto a descrever as grandezas em que chafurdaria, uma vez abanada até à última dádiva a árvore generosa das patacas. O nosso rapaz dirigia-se à popa do paquete, e quedava-se ali, debruçado da amurada, a contemplar a esteira de espuma que as gaivotas tinham deixado de sobrevoar. Vencera o enjoo inicial, e sentia-se orgulhoso disso, mercê de uma receita que transitara de geração em geração, e consistia em atafulhar a barriga de laranjas e miolo de broa. O Rio de Janeiro surgiu-lhe ao termo de uma manhã nevoenta, e era tal e qual como o admirara na ilustração de uma revista que alguém trouxera de lá, uma grinalda de morros de um verde densíssimo, fervilhando de vida que se adivinhava simultaneamente diligente e preguiçosa. Foi então que o colheu, formulada com nitidez assustadora, esta pergunta que até aí obstinadamente calara, «Mas que venho eu cá fazer?» Recordava-se das doçuras do viver de Venade, as sextas à sombra da carvalheira, as batidas às lebres, ou os almoços dominicais de cozido e aletria. Mas cobrava ânimo, programando as lidas que encetaria logo a seguir ao desembarque, e que haveriam de começar na botica de um tal Barreiros, natural de Insalde, estabelecido na Tijuca. O futuro acabaria por comprovar ter sido determinado nos céus o encontro do moço com o droguista. Tendo em seu devido tempo arrastado a asa a Ifigénia, o sujeito mirou da cabeça aos pés o adolescente que se lhe apresentava de maleta na mão, detectando nele assombrosas parecenças com a que fora sua apaixonada. «Não será preciso ir mais longe, não é tarde, nem é cedo», adiantou o Barreiros, «eu ando à procura de um caixeiro que o que cá tinha deu em gatuno de alto lá com ele, ficas tu a trabalhar comigo, e vais ver como nos entenderemos». Investido no seu princípio arreigado de poucas falas, Inácio mostrou-se pelos ajustes com um aceno do queixo, e de imediato o seu novo patrão o introduziu num recanto do sótão do estabelecimento, e no qual se ingressava por um escadote que acedia a um alçapão, inserido na madeira do tecto. Labutava-se sem horário, nem